

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE HISTÓRIA

EFIGÊNIA APARECIDA TOMAZ

**PROCESSO DE REFORMA AGRARIA
ESTUDO DE CASOS/ASSENTAMENTO TAQUARAL/MS**

AQUIDAUANA - MS

2024

EFIGÊNIA APARECIDA TOMAZ

PROCESSO DE REFORMA AGRÁRIA
UM ESTUDO DE CASO/ASSENTAMENTO TAQUARAL/MS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal de Mato do Sul, Campus de
Aquidauana no curso de História-Licenciatura para
à obtenção do diploma de Licenciatura em História.
Orientadora: Dra. Maria Neusa G. Gomes de Souza

AQUIDAUANA – MS
2024

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Maria Neusa G. Gomes de Souza
Orientadora

Prof.^a Dra. Vera Lúcia Ferreira Vargas
Examinadora

Prof.^a Dra. Iara Quelho de Castro
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado saúde, forças para driblar todos os obstáculos encontrado ao longo do meu caminho. Ao meu esposo Gilmar Sergio da Rosa, por ter me apoiado com dedicação, amor e carinho contribuindo para a realização desse momento. Aos meus filhos: Daniele Aparecida Tomaz, Maikely Tomaz Silva, Lucas Tomaz Silva, Thyago Felix Tomaz Silva á eles que de uma forma, ou de outra sempre me incentivaram para a conclusão desse curso.

Agradeço aos meus amigos: Luciene Queiroz, Barbara Omote e Alvaro Chaves, que sempre esteve ao meu lado me apoiando, com insentivos dando força e estímulo para que tudo pudesse ser concretizado.

Aos meus professores de faculdade: prof.º Dr. Paulo Marcos Esselin , prof.ª Dra. Vera Lucia Ferreira Vargas, prof.ª Dra. Iara Quelho de Castro, prof.ª Dr.ª Ana Paula Squinelo, que contribuíram para a finalização desse projeto que resultou a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A minha orientadora prof.ª Dra. Maria Neusa Goncalves Gomes de Souza. Por ter dedicado seu tempo durante o processo de realização deste trabalho, agradeço pela constante ajuda e contribuição fundamental na minha formação, e por ter acreditado na minha capacidade me encorajando e dando suporte que precisei. Agradeço.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo de caso na perspectiva do processo da Reforma Agrária no Assentamento Taquaral em Corumbá/MS. Neste contexto a metodologia desenvolvida será um Estudo de caso com entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental, no período de 1985 a 2023, período considerado como uma nova época marcada pelo fim da Ditadura Militar no Brasil. E o surgimento da política de Reforma Agrária, esse período marcou uma nova era, caracterizada por uma ampla diversidade de organizações da sociedade civil. Neste sentido, justifica-se a busca em resgatar parte do histórico da Reforma Agrária no Brasil e do assentamento Taquaral em Mato Grosso do Sul, com os sujeitos envolvidos, algumas vezes esquecidos na sociedade, possibilitando o direito de falar, contar/recontar suas vivências e experiências no processo dessa “construção histórica”. Para isso, a metodologia de trabalho foram as entrevistas com quatro sujeitos que participaram da luta na ocupação das terras e ainda residem no assentamento. As referências bibliográficas são entre outras MENEGAT (2009), MOREIRA (2010), MOREIRA, A, R (2021), CONCEIÇÃO (2016), FREITAS (2020), MENEGAT (2005).

Palavras-chave: Corumbá – Assentamento Taquaral– Reforma Agrária.

ABSTRACT –

This article aims to present a case study from the perspective of the Agrarian Reform process in the Taquaral Settlement in Corumbá/MS. In this context, the methodology developed will be a case study with semi-structured interviews and documentary research, from 1985 to 2023. In this sense, the search to rescue part of the history of Agrarian Reform in Brazil and the Taquaral settlement in Mato Grosso do Sul is justified. South, giving a voice to the subjects involved, sometimes forgotten in society, enabling the right to speak, tell/retell their experiences in the process of this “historical construction”. For this, the work methodology was interviews with four subjects who participated in the struggle to occupy the land and still reside in the settlement. Bibliographical references are, among others, MENEGAT (2009), MOREIRA (2010), MOREIRA, AR, (2021), CONCEIÇÃO (2016), FREITAS (2020), MENEGAT (2005).

Keywords: Subjects – Settlement – Agrarian Reform.

LISTA DE SIGLAS

DEM_ Partido Democrático

UDR_ União Democrática Ruralista

AEC – Associação das Escolas Católicas

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CUT – Central Única dos Trabalhadores

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MAB – Movimento dos Atingidos pela Barragens MMC –
Movimento das Mulheres camponesas.

MMTR – Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

SCA – Sistema Cooperativista dos Assentados

UNESCO – Fundo das nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL.....	10
CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO DO ASSENTAMENTO TAQUARAL E A LUTA PELA TERRA EM MATO GROSSO DO SUL.....	15
CAPÍTULO 3 – RELATOS DE UMA HISTÓRIA, EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE.....	23
ENTREVISTAS.....	27
RESULTADO DOS DEPOIMENTOS APRESENTADOS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Ao estudar na graduação no curso de História do CPAQ –UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sobre a questão regional e rural, Reforma Agrária, Movimento Sem Terra, as políticas de governo sobre terras; ouvindo e lendo, conheci vários artigos e livros sobre a temática produzidos pela UEMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. UCDB, Universidade Católica Dom Bosco. UFMS Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Me chamou atenção o tema sobre o assentamento Taquaral e as lutas pelas terras em Mato Grosso do Sul, MS. Quando ingressei no curso de graduação em História, busquei entender o processo da Reforma Agrária no Brasil e MS, e esse tema despertou-me grande interesse para escrever o trabalho de conclusão de curso (TCC), porque vivenciei como filha de trabalhadores rurais, a história do Assentamento Taquaral, fazendo parte do movimento de luta pela Reforma Agrária, lutando por um pedaço de chão, vivendo em situações precária debaixo de barracos de lonas sem saneamento básico, muitas das vezes sem acesso a saúde e a educação, por tanto ao fazer parte dessa realidade.

Nesse sentido o objetivo principal desse estudo é de investigar pelo Estudo de caso o processo da Reforma Agrária no Brasil, com ênfase na formação do assentamento Taquaral no Município de Corumbá MS. E também trabalhar com a memória e relatos da história de quatro sujeitos do assentamento Taquaral MS, por meio das entrevistas semiestruturadas.

Considerei o período 1985 a 2023 como uma nova época marcada pelo fim da Ditadura Militar no Brasil. E o surgimento da política de Reforma Agrária, esse período marcou uma nova era, caracterizada por uma ampla diversidade de organizações da sociedade civil.

O Assentamento Taquaral encontra-se localizado a 12 quilômetros da sede do município de Corumbá, tendo sido criado a partir da desapropriação de uma área devoluta, por intermédio do decreto nº 92.621, com emissão e posse em 4/5/89, sendo o projeto instalado por meio da portaria nº 576, de 13/7/89. Possui uma área de 1.332 hectares, dividida em 394 parcelas, possibilitando a reintegração de 394 famílias titulares de lotes ao processo produtivo agrícola. Desse total de famílias, 89 foram cadastradas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA. Na região de Corumbá e 305 foram selecionadas em outras regiões do Estado, MENEGAT, (2009. PG.55).

A pesquisa sendo qualitativa de conteúdo subjetivo, adotamos no primeiro momento o contato com os sujeitos entrevistados por meio de plataforma digital, no qual, consegui expressar com exatidão o meu objetivo, no segundo momento fui até o local para coletar dados, no qual consegui entrevistar apenas um sujeito, as outras entrevistas se deu por meio da plataforma digital através de um formulário enviado aos sujeitos com 9 perguntas, e assim foram de acordo, e, portanto, realizado. Os sujeitos entrevistados foram, Abel Garray, professor de pedagogia na Escola Municipal Rural Polo Monte Azul no assentamento Taquaral, morador no assentamento desde a sua fundação, também foram entrevistados o professor Jairto Saraiva Moreira que “chegou no Taquaral com 17 anos em 1990 começou a trabalhar como professor do PEB (programa de educação básica). contratado pela prefeitura de Corumbá, entretanto prestou concurso na prefeitura de Corumbá MS, formou em Pedagogia na Universidade Federal MS (UFMS) de Aquidauana MS. prestou o segundo concurso na prefeitura de Corumbá fez a Pós Graduação na Educação Infantil, foi Coordenador Pedagógico, fez o Mestrado. hoje é professor pedagogia, na “Escola Municipal Rural Polo Monte Azul” localizada no assentamento Taquaral município de Corumbá MS.

A terceira pessoa entrevistada foi professor, Sergio Pereira, formado em licenciatura, e mestrado em música, doutorado em educação. a quarta pessoa que deu o depoimento foi esta pesquisadora cursando licenciatura em História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campos de Aquidauana MS).

O conceito de Reforma Agrária de acordo com a Lei nº 4.504/64 (Estatuto da Terra) considera-se que a Reforma Agrária é o conjunto de medidas que visem promover a melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade.

A relevância da pesquisa é o resgate da memória, a história em registros, para que nossa família e a sociedade em geral tenham conhecimento da luta pela conquista da terra, cuja história não é muito diferente de muitos brasileiros que lutaram e luta Reforma Agrária no Brasil.

Conforme GODOY (1995), a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. (GODOY, 1995, p. 21).

Portanto neste país “onde a terra vale ouro e os seres humanos algumas gramas de chumbo, moldados em bala”, na qual já tombaram centenas e milhares de companheiros. Mas

o povo resiste e continua a marcha, “e o longe fica perto, quando se caminha adiante” conforme afirma MOREIRA (2010, p.12).

Organizei em capítulos, partindo do capítulo: 1 Reforma Agrária no Brasil.

No capítulo 2 foi abordado Formação do Assentamento Taquaral, e a luta pela terra em Mato Grosso do Sul. No capítulo 3 Relatos de uma História - Os sujeitos do Assentamento Taquaral Corumbá/ MS, tem como finalidade apresentar os discursos a partir dos relatos apresentado pelos quatro sujeitos que se dispuseram a participar da execução deste trabalho, assim como a partir desses relatos direcionados elaborar um dos capítulos desse trabalho, que servira como instrumentos de estudos do Assentamentos. Os discursos e as considerações ao final.

Nossa pesquisa partiu de pesquisa documental e bibliográfica, que busca o contexto histórico e político da Reforma Agraria e depois chegar aos sujeitos nas entrevistas e relatos pesquisados, assim partimos dos seguintes autores em estudos já existentes de MENEGAT (2009) E MOREIRA (2010), MOREIRA, AR, (2021), CONCEIÇÃO (2016), FREITAS (2020), MENEGAT (2005), entre outros.

CAPÍTULO I - REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL

Em 1500, antes do chamado descobrimento do Pau-Brasil já viviam na região populações com organização e modo de vida próprios, como testemunha. STÉDILE 2012, (p. 19):

Para efeito do estudo da questão agrária nesse período, sabe-se que esses povos viviam no modo de produção do comunismo primitivo. Organizavam-se em agrupamentos sociais de 100 a 500 famílias, unidos por algum laço de parentesco, de unidade idiomática, étnica ou cultural. Não havia entre eles qualquer sentido ou conceito de propriedade dos bens da natureza. Todos os bens da natureza existentes no território – terra, água, rios, fauna, flora – eram, todos, de posse e de uso coletivo e eram utilizados com a finalidade de atender às necessidades de sobrevivência social do grupo. E quando os bens da natureza se tornavam escassos em determinadas regiões, os grupos se deslocavam para outros locais, o que caracterizava a sua condição de vida nômade (STÉDILE, 2012, p. 19)

País de grande extensão de terras, onde surgiu o sistema de Sesmaria. A experiência de Sesmarias, capitanias hereditárias e concessões de terras a cortesãos, muitas vezes sem vocação para atividades agrícolas, revelam a exploração caráter do colonizador europeu, seja português, espanhol, neerlandês, francês ou inglês.

Nesse sentido, enfatiza José de Souza Martins a história do Brasil é a história de sua classe dominante, é uma história de senhores e generais, não é uma história de trabalhadores e rebeldes” MARTINS, 1981:(p. 26).

Desde a ocupação do Brasil pela Coroa portuguesa em 1532, o Brasil passou a conviver com uma abusiva concentração fundiária, onde predomina a concentração de terras nas mãos de poucos potentados, que eram nominados latifúndios. A estrutura fundiária diz respeito à forma como a propriedade da terra é distribuída e tem motivado a preocupação de muitos estudiosos da questão agrária. É de extrema importância trazer à tona as mais diversas formas de conflitos travados pelos trabalhadores rurais, desde a chegada dos portugueses por ocasião da expansão marítima.

FABRINI (2008) discute o monopólio da terra no período da lei das Sesmarias, decorre sobre o monopólio das terras no período da lei das Sesmarias, e ressalta que:

O monopólio da posse da terra no Brasil teve início no período colonial em que a Lei das Sesmarias regulava a apropriação da terra. No Latifúndio, a atividade principal era a destinada à exportação e ocupava os melhores solos. À margem da atividade principal, encontrava-se a produção de alimentos. Estas atividades eram realizadas por pequenos produtores livres que pagavam uma renda ao proprietário, ou pelos próprios escravos, nos domingos e feriados, em solos de menor fertilidades do latifúndio. Os posseiros

desenvolviam atividades agrícola separadas da grande lavoura, trabalhando na maioria com a própria família. (FABRINI, 2008, p. 55).

A concentração fundiária no Brasil está ligada a desigualdade social. Os problemas iniciaram com a criação das capitâneas hereditárias e o sistema de Sesmaria, toda terra pertencente a coroa portuguesa que não tinha desenvolvimento de atividade econômica, ou não era espaço colonial, era doada para fins de Sesmaria, grandes extensões de terra distribuídas a fim de serem cultivadas, em troca uma parte da produção, iam para as mãos da coroa portuguesa, iniciando-se assim a criação do latifúndio. Os sesmeiros os grandes proprietários compunham a elite colonial ocupavam o topo da hierarquia social, não só teriam a posse das terras, mas adquiririam outros direitos restritos aos seus semelhantes. Ocupando grandes cargos públicos garantido seus interesses em desfavor da maioria da população.

Terminando o sistema da Sesmaria, no início do século XIX, observa-se um aumento da propriedade até que em 1850 foi elaborada uma lei que disciplina e define a propriedade da terra a lei de granjas. Terreno livre só deve ser cedido no momento da compra. O trabalho ainda era escravizado, a terra era gratuita, mas com a lei da terra de 1850 e a abolição da escravatura pouco tempo depois, a terra tornou-se escravo da propriedade privada capitalista.

A ideia de questão agrária pode ser pensada de diversas formas, dependendo da ênfase que se queira dar aos diferentes aspectos do estudo dessa realidade. Nos estudos políticos, o conceito de problema agrário sempre esteve mais voltado para o estudo do problema, de como a concentração da propriedade fundiária afeta o desenvolvimento das forças produtivas e do poder político, em uma determinada sociedade. Historicamente, o vocábulo questão agrária tem sido utilizada para explicar a evolução da política e a luta de classes pelo domínio e controle sobre a terra e sua posse segundo (STÉDILE, 2005).

MORISSAWA (2001) divide a luta pela terra em três fases: a) as lutas messiânicas, ocorridas entre 1888 e a década de 1930, b) as lutas radicais localizadas e espontâneas, entre 1930 e 1954, c) e as lutas organizadas lutas, de caráter ideológico e de alcance nacional, entre 1950 e 1964.

Em relação às lutas armadas que se deram entre 1930 e 1954, espalharam-se por todo o Brasil, tais como com os posseiros da rodovia Rio-Bahia; Trombas e Formoso: território livre; no Norte e Sudoeste do Paraná; Sudoeste do Maranhão; em terras fluminenses e São Paulo; Pontal e Santa Sé do Sul.

MARTINS (1981) avalia que, o contestado, como os de Canudos, manteve-se isolado da contaminação do mundo urbano, criando seus redutos. Chegaram a atacar e incendiar pelo menos uma grande cidade da região, Curitiba. Este

último episódio ocorreu após a declaração da Guerra Santa, que só ocorreu em setembro de 1914.

Martins (1981) narra o desfecho desta guerra com o massacre dos camponeses:

A guerra de canudos constituiu-se, portanto, um desdobramento das disputas entre os coronéis sertanejos ou entre estes e o governo. A necessidade da derrota dos habitantes de Canudos passou a representar uma peça importante na disputa pelo poder federal entre militares e civis ligados aos interesses do café. Quatro expedições militares, a última das quais envolvendo mais de 10 mil soldados, foram lançados contra os sertanejos. As três primeiras foram severamente derrotados, permitindo que os camponeses se armassem, resultando inclusive na morte de Moreira César. Num primeiro momento, a quarta expedição foi igualmente derrotada, sendo reforçada para garantir o esmagamento da população de Canudos. (MARTINS, 1981, p. 54).

Para MORISSAWA (2001), as lutas organizadas:

Desde o final do século XIX, os grileiros derrubavam a Mata Atlântica ali, para transformá-la em pasto e colocar umas cabeças de gado, apenas para justificar sua presença na terra e poder especular com a terra. Para escaparem da fiscalização do governo, usavam as famílias sem-terra, consentindo que plantassem para a subsistência. Aqui de novo a velha tática: “Vem cá, seu Zé, plante aí suas rocinhas e, se aparecer alguém do governo diga que é empregado meu, viu? Mas olhe, para ficar na fazenda, o senhor tem que formar uns pastos para mim”. Depois que haviam conseguido que precisavam expulsavam as famílias da área e utilizavam seus jagunços contra as que resistiam em deixar suas posses (MORISSAWA, 2001. p. 92).

Já em 1946 no governo Dutra, a Lei de terra estava com caráter mais liberal, e toda terra precisava ter uma função social. Em 1964 durante o Governo Militar foi criado o Estatuto da Terra e a política de reorganização da estrutura fundiária com objetivo de promover e proporcionar a retribuição da terra para a realização da sua função social.

Foi publicado em: (2020 *Estudos Sociedade e Agricultura*). Diante do caos que o Brasil se encontrava, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), conclamou em 1945 que a Reforma Agrária era determinante na erradicação da fome, da insegurança alimentar e da pobreza, assim como uma ação relevante na promoção do desenvolvimento sustentável, dos direitos humanos e da justiça social. Promovendo a reforma agrária e garantir assim condições para a permanência da população no campo, por meio de políticas para agricultura familiar, são ações favoráveis, cuja manutenção está diretamente relacionada aos modos de vida das comunidades de agricultores tradicionais e camponesas (TOLEDO, BASSOLS, 2015).

Entre 1930 a 1964, algo semelhante acontece no Brasil, quando STÉDILE (2009) assim o descreve:

Os camponeses cumpriram o papel de fornecer mão-de-obra barata para a nascente indústria na cidade. O Êxodo rural era estimulado pela lógica do capitalismo, para que os filhos dos camponeses – em vez de sonharem com sua reprodução como camponeses, em vez de lutarem pela terra, pela Reforma Agrária – se iludissem com os novos empregos e salários na indústria. Foi, assim, um período histórico em que praticamente todas as famílias camponesas enviaram seus filhos para as cidades, no Sudeste e no Sul do país, para serem operários nas fábricas (STÉDILE, 2009.p. 29).

O êxodo rural no Brasil, foi um dos fenômenos que se caracteriza pelo deslocamento de pessoas do campo, zona rural para as cidades (Zona Urbana).

Essa movimentação ocorreu no interior da sociedade brasileira, começou na década de 1950 e se estendeu até o ano de 2010, sendo que o ápice ocorreu na década de 1970 a 1980 ao transferir para o meio urbano, um percentual de 30% da população rural existente no início nos anos 70, algo em torno de 12 milhões de pessoas, (segundo Agência Senado Ricardo Edição 71, de 2020).

Isso ocorreu devido ao processo de industrialização do país que ganhou forte impulso nos anos de 1950 e 1960 e foi acompanhado de um processo de concentração fundiária e sobretudo, ao processo de modernização tecnológica da agricultura com a substituição dos trabalhadores rurais por maquinários. Esse fenômeno gerou muitas consequências para a sociedade brasileira, em um primeiro momento a industrialização pode absorver parte desses trabalhadores que se dirigiam para as cidades, logo a sua fragilidade promoveu o crescimento rápido e desordenado das áreas urbanas, o surgimento de favelas sobretudo nos grandes centros urbanos e o aumento significativo da violência urbana.

Com as grandes transformações políticas e econômicas, e sociais no Brasil, com a expansão do capitalismo, a posse da terra tornava generalizada, acumulava-se grandes extensões de terras, a escravidão diminuindo, uma nova força de trabalho estava surgindo no país, imigrantes de vários lugares da Itália e Alemanha, e outros países chegavam.

Com a produção e exportação dos produtos brasileiros principalmente do café, expandia com a expansão do capitalismo, as normas que determinava a posse da terra, não permitia a invasão de terras públicas, as terras seriam vendidas, impedindo os pequenos produtores, ou seja, a classe mais baixa de ter acesso à terra. Privilegiando a aristocracia rural. Facilitando a obtenção de terra para a população mais rica. Os senadores afirmaram que o governo deveria fixar altos preços para as terras colocadas à venda. O Visconde de Abrantes (2002) opinou:

O preço deve ser elevado para que qualquer proletário que só tenha a força do seu braço para trabalhar não se faça imediatamente proprietário comprando terras por vil preço. Ficando inibido de comprar terras, o trabalhador de necessidade tem de oferecer seu trabalho àquele que tiver capitais para as comprar e aproveitar. Assim consegue-se que proprietários e trabalhadores

possam ajudar-se mutuamente (Fonte: Agência Senado Ricardo Weston: arquivo Publicado em 14/9/2020 Edição 71. Questão agrária)

Na década de 1980, os trabalhadores rurais passaram a enfrentar duas situações, a primeira as consequências do processo de mecanização do campo e a segunda à crise que levou o país a uma crise econômica com recessão. Para enfrentar a situação em que o Brasil estava passando, o governo federal desencadeou um amplo processo de Reforma Agrária, que teria como objetivo enfrentar o processo de migração dos trabalhadores do campo para as cidades e fixa-los, no campo e garantir a sua subsistência, já que não tinham formação para serem absorvidos pela indústria.

Nos anos 80, a população brasileira começou a reagir contra a ditadura militar, os sindicatos ganharam força, o povo se organizou na luta de seus direitos, pelo fim da ditadura e pela democracia no País. Este período foi marcado por ressurgir as greves operárias.

Só praticamente a partir de 1977, com a luta pela reposição sindical e com a falência dos milagres econômicos, é que se começou a vislumbrar a possibilidade de rearticular a luta, buscar alternativas, desmascarar o sistema dominante. Gradativamente o movimento operário vai reconstruindo a sua história de luta, para romper com a opressão do capital; luta que nunca deixou de existir (RESENDE, 1994, p. 81).

O presidente da república José Sarney determinou em 1985 com o recém-criado Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (Mirad), comandado por Nelson Ribeiro, a elaboração do Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República, conforme os Art. 33 e 34 do Estatuto da Terra (Lei 4.504/1964). Com o lema era “dar terra a quem trabalha” para “dar terra a quem produz”. O Estado brasileiro deveria estabelecer uma política para a distribuição social da terra. Ela previa ação contra o latifúndio improdutivo concentrado nas mãos de poucos. As terras distribuídas aos lavradores para que pudessem cultivar produtos agrícolas para a indústria.

É preciso distinguir a luta pela terra da luta pela Reforma Agrária. Primeiro, porque sempre foi uma luta pela terra com ou sem projetos de Reforma Agrária. Em segundo lugar, a luta pela terra é realizada pelos trabalhadores e a participação de diversas organizações na luta pela Reforma Agrária (FERNANDES, 1993).

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DO ASSENTAMENTO TAQUARAL E A LUTA PELA TERRA EM MATO GROSSO DO SUL

O Estado de Mato Grosso do Sul foi desmembrado de Mato Grosso em 1977, possuindo hoje uma área de 350.548 km². O processo migratório para o Mato Grosso do Sul foi fator que mais contribuiu para o aumento populacional do Estado.

Segundo MINOZZO (1996) considera importante observar dois momentos: antes de 1950 – formação de fazendas de gado, exploração de minerais, a ocupação e defesa das fronteiras internacionais e após 1950 – industrialização e urbanização, modernização da agricultura, expansão da fronteira agrícola.

No Mato Grosso do Sul a situação fundiária é complexa. O sul do Estado, onde se concentra a maior produção agropecuária, ocorrem constantes conflitos pela posse da terra, envolvendo proprietários, posseiros, arrendatários e camponeses, expulsos das terras, querendo retornar à terra. Para acabar com estes focos de tensão social no sul do Estado, em 1983, o governo Estadual, juntamente com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) transferiu 565 famílias para o Assentamento Braço Sul em Colider (MT); 186 para Brasília no Acre e 40 famílias para Santa Luzia do Sul, também no Acre, totalizando 791 famílias transferidas.

Mas os problemas não foram resolvidos. Com a mecanização da soja e a ocupação pelos grandes proprietários de áreas de arrendamentos, que vinham sendo utilizadas no cultivo de subsistência, houve novamente um grande número de pessoas sem terra, transformando-se em assalariados moradores das cidades.

Pela falta de acesso às terras no Brasil, causada pelo latifúndio, associado ao capital agrário e financeiro na década de 1970, muitos agricultores brasileiros foram para o Paraguai, país vizinho ao Brasil. No início da década de 1980, estes agricultores, chamados Brasiguaios (brasileiros que produzem no Paraguai) enfrentaram problemas no Paraguai retornando ao Brasil com a esperança de conquistar a terra através da Reforma Agrária prometida pelo governo brasileiro. Estes brasileiros, juntamente com aqueles que perderam suas terras no Brasil, organizam-se para lutar pela posse da terra para quem nela trabalha.

Em 1986, os agricultores organizados formaram acampamentos, mobilizando-se para lutar pela terra. Inicialmente estes acampamentos foram vítimas da repressão do Estado, muitos acampamentos foram destruídos pela polícia militar com o uso da violência. Apesar disto, os acampados não desistiram da luta e conseguiram áreas particulares ou de prefeituras para instalarem seus acampamentos e continuarem a luta pela posse da terra.

Na década de 80, os acampados moraram em barracos de lona e trabalharam como boias-frias nas usinas de álcool, na colheita de algodão, feijão, milho e café, das grandes fazendas da região.

No Mato Grosso do Sul a quase totalidade dos assentamentos implantados resultou de situações de conflito, ou seja, nasceram de alguma disputa pela posse e uso da terra (não necessariamente com uso da violência, embora esta esteja presente em muitos casos) entre os latifundiários, os camponeses sem-terra e o governo federal. Sendo que a iniciativa do pedido de desapropriação partiu, em maior parte, dos camponeses e seus movimentos. Portanto, neste contexto, o que parece ter pesado na implantação dos assentamentos rurais no Estado são as diversas formas de luta e enfrentamento desenvolvidas pelos movimentos sociais e sindicais que dela participam, pela conquista da terra (SILVA, 2008).

É importante ressaltar que, as ocupações de terra organizadas por tais movimentos são a forma de luta e pressão política mais eficaz para a desapropriação de áreas improdutivas e, conseqüentemente, a criação de assentamentos.

Logo que, não só no Estado, mas no Brasil em geral, o número de assentados da Reforma Agrária com certeza não seria o mesmo, não fosse a pressão exercida pelos movimentos que com suas ocupações e acampamentos acabam por envolver de certa forma a sociedade como um todo na discussão de que é necessária uma melhor distribuição de terra para que haja uma melhoria nas condições de vida da nação (FERNANDES, 2012).



Depois de muita luta e organizados pressionando os órgãos do governo federal e estadual, em agosto de 1987, conseguiram uma área para assentamento provisório – Assentamento Provisório Santo Inácio – localizado no município de Anastácio, que posteriormente passou a se chamar Assentamento Provisório Marcos Freire. Neste

assentamento provisório as famílias produziam o mínimo necessário para a sobrevivência, em condições precárias, esperando a concretização da promessa de assentamento definitivo.

Cansados de esperar, em janeiro de 1989, estes assentados acamparam em Campo Grande, pressionando o Governo estadual a dar uma solução para o problema. Ficaram acampados por 30 dias, conseguindo em Brasília a desapropriação da fazenda Taquaral no município de Corumbá MS.

Nos relatórios da CPT-MS, de 1993, destaca-se que a principal contribuição da CPT-MS, foi o trabalho de organizar os trabalhadores sem Terra na luta pela terra, conforme cita um de seus membros Rodrigues:

Nós começamos a trabalhar com as famílias de Jequitibá. Entre Rios e o pessoal de Taquarussú, discutíamos com eles que saídas existiriam para os seus problemas. Foi, então que os companheiros disseram que seria interessante organizar uma Comissão e um grupo maior para reforçar a luta. A partir daí saímos fazendo um trabalho nos municípios e organizando o pessoal que não tinha terra, que pretendia lutar pela terra ou estava envolvido em conflitos. A infraestrutura que era necessária para o trabalho era toda da CPT, inclusive eu não sentia clareza de quem eu era, se eu era um membro da CPT ou se era um dos sem-terra, por isso, criei alguns atritos com alguns membros da CPT, que achavam que o Movimento dos Sem Terra não era um movimento consolidado, mas uma comissão subordinada à CPT (CPT, 2016. p. 35).

Em 1978, quando a CPT-MS iniciou sua atuação na grande Dourados, os pequenos proprietários vinham sofrendo com os altos preços dos utensílios agrícolas e os baixos preços na hora de vender os seus produtos. Na maioria das vezes eram obrigados a conviver com a figura do atravessador que acabava ficando com o possível lucro que lhe restaria.

Em 1983, na ata da Assembleia da CPT, constou que o latifúndio estava se consolidando cada vez mais, dos poucos sitiantes que ainda restavam, muitos estavam endividados com os financiamentos, outros estavam ficando cada vez mais apertados, 4 a 5 famílias ocupando a mesma área (pequena propriedade). A partir desta data, a atuação da CPT se deu de forma mais intensa junto aos Sem Terra em sua organização e luta pela terra.

Uma forma de organização na luta pela terra foi a fundação de sindicalismo autêntico, que promovesse a luta pela terra, comprometido com a luta dos trabalhadores, para promover cursos, preparar material e discutir o seu papel como instrumento de luta:

Segundo dados fornecidos pela FETAGRI-MS (Federação dos Trabalhadores na Agricultura em Mato Grosso do Sul); em 1977, quando ocorreu a divisão do Estado de Mato Grosso, dando origem ao novo Estado, o de Mato Grosso do Sul, instalado em 01 de janeiro de 1979, este contava com apenas dez Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR), sendo que três ainda não eram

reconhecidos pelo Ministério do Trabalho naquela época. O primeiro STR fundado, pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul foi o de Coxim, o qual foi fundado em 1964, tendo pouco tempo de atuação, devido ao fato de ter sido cassado pela ditadura Militar em 1966. A partir daí, ficou fechado durante oito anos, voltando a ser reorganizado em 1974, por uma comissão de trabalhadores interessados (FETAGRI-MS,1977, p.32).

Em 1975 surgiu a CPT - Comissão Pastoral da Terra, nesse momento de ebulição de luta populares em que o Brasil vivia. A partir de 1978 surgiram os primeiros movimentos Sem Terra com apoio da Pastoral da Terra. Também nesse período começaram a ser organizadas as primeiras ocupações de terra, não na forma de um movimento organizado (como o MST).

Segundo MENEGAT (2009), o Governo Estadual estava se sentindo pressionado pela opinião pública, a “destacando-se de sobremaneira, o disposto no artigo 184 da Carta Magna. Compete à união desapropriar por interesse social, para fins de Reforma Agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, portanto essa terra podia ser desapropriada para fins de Reforma Agrária.

CONCEIÇÃO (2016), as terras da Fazenda Taquaral, antes de serem transformadas em assentamento, foram alvo de forte degradação ambiental. Por longos anos, a madeira foi o combustível do “progresso” corumbaense. Transformada em lenha e carvão eram cortadas a machado por famílias brasileiras, bolivianas e paraguaias que habitavam o território. (CONCEIÇÃO, 2016.p. 55).

MOREIRA (2010) relata que, em 1986, 189 famílias de trabalhadores rurais sem terra da cidade de Dourados se juntaram as outras tantas que ali já estavam e formaram o acampamento perto da rodoviária da cidade. Em 1987, foram transferidas 733 famílias para a fazenda Santo Inácio no município de Anastácio. Em 1989, o governo do estado juntamente com o Incra e Terra - sul, estabeleceram outras áreas para reforma agrária, entre as quais o “Taquaral”.

Concluimos que a histórias faz ligação dos sujeitos através das lutas sociais, muitas das vezes trilhando caminhos diferentes, porém muito parecidos se entrelaçam, uma vez que na maioria delas faz ligação com a terra.

Portanto MENEGAT (2009). Aborda que o Assentamento Taquaral, foi organizado pela Comissão pastoral da Terra (CPT) órgão pastoral ligado à igreja católica e pelos sindicatos dos trabalhadores rurais...

Segundo MARTINS (1975, pg,50) O capital só pode crescer, só pode se reproduzir, à custa do trabalho, porque só o trabalho é capaz de criar riqueza. Por isso, uma lei básica do capital é a de subjugar o trabalho. Não há capitalismo sem subjugação do trabalho. Assim, na medida em que o trabalhador vende a sua força de trabalho ao capitalista, mediante o salário, os frutos de seu trabalho aparecerão necessariamente como frutos do capital que o comprou, como propriedade do capitalista. Para que isso ocorra, é necessário separar o

trabalhador de seus instrumentos de trabalho; para evitar que o trabalhador trabalhe para si, isto é, para evitar que deixe de trabalhar para o capitalista (MARTIN, 1975, p. 50).

Nos anos 80, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) começaram a organizar famílias para formar um acampamento no município de Sete Quedas, houve uma grande movimentação de famílias de trabalhadores rurais saindo das fazendas para fazerem parte desses movimentos sociais em busca pela terra, com esperança em conseguir seu pedaço de chão para plantar. Por fim formou-se um grande acampamento localizado no campo de viação desativado localizado na área urbana de Sete Quedas/MS, com aproximadamente 150 famílias, permanecemos por quase três anos vivendo de forma desumana, morava em barracos beira chão, feito de lonas pretas, sem saneamentos básicos como; água encanada e luz elétrica, na total precariedade.

“Freita relata que: Além das características herdadas da forma de ocupação e formação do território de MS, a concentração fundiária no estado também é consequência do desenvolvimento econômico rural incentivado pelo Estado brasileiro, que beneficiou os grandes produtores rurais ao mesmo tempo em que causava o êxodo dos trabalhadores rurais, dando origem às disputas e conflitos agrários. Essa política excludente acabou gerando uma enorme demanda por distribuição de terras pelas milhares de famílias de trabalhadores rurais expulsos de suas posses ou desempregados pela mecanização da agricultura a partir da década de 1980” (FREITAS, 2020, pg.43).

Ao final de 1987, as famílias acampadas foram transferidas de Sete Quedas para a Fazenda Santo Inácio Município de Dois Irmãos do Buriti, juntamente com várias outras famílias de vários lugares como: Jataí, Três Lagoas, Dourado, Eldorado Amambaí, Paranhos, Bataguassu, Caarapó, Brasilândia, um total de quase mil famílias acamparam na fazenda Santo Inácio, município de Dois irmãos do Buriti (MS).

Todavia a intenção do Governo do Estado do Mato Grosso do Sul era reunir de maneira provisórias essas famílias tornando-se um grande acampamento que seu deu na fazenda Santo Inácio em Dois Irmãos do Buriti MS. No final de 1989 houve distribuição de áreas definitivas para quase setecentas famílias, as áreas não foram suficientes para todos; 305 famílias foram transferidas para a fazenda Taquaral no município de Corumbá-MS. Segundo o entrevistado professor Abel:

Conforme MENEGAT, (2009,). Na década de 1980, com a modernização da agricultura, as relações de expropriação e de exploração passam a fazer parte do cotidiano dos trabalhadores que viviam na região Sul-Mato-Grossense. As

famílias que hoje se encontram assentadas no Taquaral foram envolvidas por esse processo, o que as levou a ingressarem na luta por terra como forma de fugir da expropriação a que haviam sido lançadas.

Ainda conforme MENEGAT (2009), as famílias transferidas vieram de um longo período de acampamento, ocupando outras áreas do Estado do Mato Grosso do Sul, especialmente aquelas localizadas mais ao sul, onde as terras são mais propícias ao desenvolvimento de atividades agrícolas, sendo sempre delas despejadas.

Após um período de negociações e ajustes Jurídicos 304 famílias de Santo Inácio foram transferidas para Corumbá. Quando chegaram ao Taquaral as famílias ficaram acampadas em área provisória por dois anos até a saída dos lotes definitivos, onde se juntaram com outras famílias do Município de Corumbá, totalizando um acampamento com 394 famílias (MOREIRA, 2010).

A definição dos lotes do Assentamento Taquaral se deu em 20 de setembro 1991, quando a área foi dividida entre as 394 famílias, que receberam as parcelas por sorteio feito pelo Incra. Nesse contexto, o Estado garante às famílias camponesas acesso à terra, mas não as assegura, tornando a luta para continuar na terra tão intensa e sofrida quanto para entrar na terra. Nesse sentido minhas memórias decorrem vagamente enquanto me recorro de um tempo de luta e sofrimento, no qual os sujeitos do campo passaram e ainda passam, em busca de um pedaço de chão para sua sobrevivência o que me leva escrever sobre elas, para não ficar só em meus pensamentos, e de forma alguma possa ser esquecido, mas que também ficar os registros, da história dos sujeitos do campo. Mesmo com poucos recursos, lutando contra a fome, vivendo de forma miserável, mesmos em condições desfavoráveis, a comunidade teve a preocupação inicial de ir à luta, cada família começou a cultivar seu próprio meio de sobrevivência plantações de feijão, milho, abóbora, melância, entre outros, exemplo a jabuticaba que era nativo na região, muitas vezes se tornava meio de sobrevivência para muitas famílias acampada, esses alimentos eram comercializados nas feiras de Corumbá e também vendido nas ruas de porta em porta

Depois da distribuição dos lotes o INCRA tentou implantar uma pequena parte da infraestrutura planejada para o assentamento, esse espaço que foi articulado pelo governo de forma planejada no intuito de distribuição de lotes para produção, e lotes para moradia nas agrovilas,

Em uma área do Taquaral foram parcialmente instaladas três agrovilas, divididas em pequenos lotes, de quatro mil metros cada, distribuídos pelas ruas das agrovilas. Com o sistema de agrovilas, as famílias deveriam percorrer, entre o lote da agrovila e o lote de produção, uma distância que varia entre mil e seis mil metros, segundo MENEGAT (2005).



Segundo CONCEIÇÃO (2016), o Assentamento Taquaral possui três áreas destinadas para as construções de uso comunitário. Na Agrovila II está construído o posto de saúde que oferece atendimento duas vezes na semana (segunda e sexta-feira) sendo a equipe composta de: 1 enfermeira chefe, 2 auxiliares de enfermagem, 1 dentista, 1 auxiliar de dentista, 1 médica e 6 agentes comunitários de saúde da família. A Escola Municipal Rural Polo Monte Azul funciona, desde 2015, em tempo integral com ensino que vai da pré-escola até as séries finais do ensino fundamental conforme Conceição (2016, pg. 56).

Na Agrovila II existe, ainda, uma casa de alvenaria construída para guardar o resfriador. Já na Agrovila III existe um Centro Múltiplo de Atendimento para uso comunitário e atualmente não está em uso. Ao lado, está o prédio da antiga Estação Experimental do Campo, desativada desde 2015.

Atualmente, a Agrovila I não possui nenhuma infraestrutura para o uso comunitário, as que existiam foram transferidas para a Agrovila II. A mobilidade dos assentados se dá pela linha urbana-rural com a circulação de ônibus diariamente três vezes ao dia percorrendo os travessões do assentamento e retornando ao centro de Corumbá (ARAÚJO, 2016).

Eram poucas as estradas vicinais, não permitindo o acesso a uma grande parte dos lotes de produção. Da mesma forma, era quase inexistente o abastecimento de água na maior parte da área do projeto, existindo somente um antigo poço artesiano, recuperado pelo INCRA, e que estava localizado na área onde as famílias permaneceram acampadas. Norestante da área, o abastecimento deveria ser feito pelo INCRA ou viabilizado pelas próprias famílias.

Portanto podemos observar que esse projeto criado pelo governo surge como uma inovação inovadora sobre uma visão sistemática de planejamento de ação local visando

A socialização dos sujeitos entre a agricultura e o lazer, porem esse espaço não tem dado muito certo e assim foi preciso uma desarticulação desse meio, no momento em que os assentados construíram um novo espaço no lote de produção, recusando aquele projetado nas agrovilas.

As famílias partiram em busca do sonho de uma terra com melhores condições. Dentre as 394 famílias iniciais, 312 delas permanecem no Taquaral e outras 82, por não se ajustarem às condições que lá encontraram, enveredaram por outros lugares. Aquelas que ficaram no Taquaral, se lá continuarão, só o tempo dirá. Tudo dependerá de sua organização e também de sua negociação com o Estado (MENEGAT, 2009).

Portanto durante a entrevista o professor Abel afirma que hoje o assentamento Taquaral possui um prédio que foi construído para o atendimento do posto de saúde, porem se encontra desativado a mais de 5 anos o atendimento é feito em um espaço cedido pela escola um espaço destinado para o campo de experiência, da escola (Relato: Abel, 25/05/2023).

Todavia MOREIRA (2010) relata que “Prevalece a ideia de que os assentados é que são culpados pelo fato da Reforma Agrária não deu certo, atribuindo aos trabalhadores a culpa por não conseguirem se desenvolver, quando, na verdade, estes não tiveram condições mínimas de sobrevivência, como água, estrada, moradia, e acabaram vendendo ou abandonando sua parcela. No mesmo capítulo Moreira afirma que atualmente tem mudado esse quadro; graças à luta do povo dos movimentos sociais e dessa nova política agrícola”. (Moreira 2010. Pg.20).

CAPÍTULO 3 - RELATOS DE UMA HISTÓRIA, EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMUNIDADE.

Com a finalidade de observar pelas fontes históricas que compõem esse processo de “construção” do assentamento levamos em consideração a educação nesse espaço social, partindo de levantamento bibliográfico e também das entrevistas semiestruturadas coletadas.

Da mesma forma que é importante a história da luta pela terra e também por educação para a compreensão de nossa temática, é fundamental abordar elementos históricos no decorrer da história do sujeito camponeses.

Conforme, (KOLLING, 2002. Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos dessa realidade perversa, mas que não se conformam com ela. São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo; sujeitos da resistência na terra dos quilombos e pela identidade própria dessa herança; sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro em terras demarcadas e em identidades e direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas, pedagógicas” (KOLLING, 2002, p. 29).

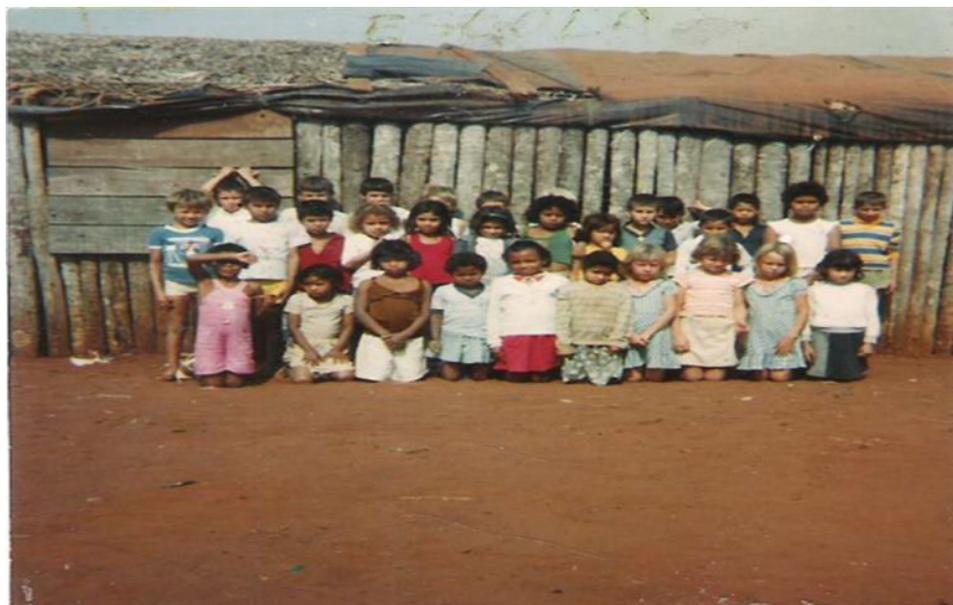
Após serem transferidos para o assentamento Taquaral, as famílias se organizaram em mutirão e construíram a escola, um barracos de pau a pique cobertos de lona e folha de bacuri, com chão batido, e tocos de madeira que serviam de bancos, criando, assim, a primeira escola no acampamento Taquaral, conhecida como “Escola da Caixa d’Água”, que iniciou suas atividades com 15 turmas da primeira à quarta série nos períodos matutino, e vespertino, algumas turmas o ensino era de forma multisseriado, para as crianças terminarem o ano letivo de 1989.

“Os professores eram pessoas da própria comunidade, trabalhadores rurais ou filhos de trabalhadores, sem formação acadêmica, que viram, naquele determinado momento da luta do movimento pela terra, a necessidade de dividir os conhecimentos adquiridos com a vida e com os poucos anos de estudo. Com exceção da coordenadora da escola na época, a professora Margarida, todos eram leigos e faziam parte do movimento de luta pela educação e pela terra” (MOREIRA, 2010).

Todavia com a conquista dos lotes em 1991, o assentamento foi dividido em três agrovilas, e a comunidade mais uma vez, teve que dar o primeiro passo para que fossem construídas as novas escolas, as escolas foram construídas a partir de mutirão, em cada agrovila, portanto dessa vez teve a contribuição da prefeitura de Corumbá/MS com algumas matérias como telha, pregos, gasolina, e a comunidade contribuiu com os demais materiais.

Conforme os depoimentos, Pereira relata que: “Naquele momento de construção da questão social do assentamento Taquaral a família dele teve um papel muito importante, pois sua mãe era a única pessoa com ensino superior dentre aquelas famílias, como professora ela ajudou a organizar um processo de formação em serviço de professores leigos, pois as crianças não podiam ficar tanto tempo sem aulas, isso fez com que houvesse com o apoio da CPT (Comissão Pastoral da Terra) a formação desses docentes.

Ao recorda esse momento a autora disse: Lembro-me que as folhas dos cadernos eram todas amareladas difícil para o uso, minha mochila era um pacote de arroz da marca santa rosa, ou minha mãe costurava as pernas das calças compridas e fazia uma espécie de suporte para que pudéssemos levar os materiais didáticos até a escola, muitas das vezes me sentia envergonhada por usar aqueles matérias didáticos, a falta de infraestruturas e recursos para essa sociedade era muito claro para todos, faltava transporte escolar; os alunos iam para escola de a pé ou até mesmo de bicicleta andávamos por quilômetros até a primeira escola construída na caixa “da água”, construída pela comunidade por ser próximo do único local que possuía água que poderia abastecer a escola, a água era armazenada na caixa, não tinha água encanada na escola. essa escola funciona desde a chegada dos acampados em 89 os professores eram todos leigos as condições eram bem precária , a alimentação para as crianças era feita no fogão a lenha não havia alimentação as famílias doavam legumes e o que podiam para a merenda escolar essa merenda era feita por famílias acampada de forma coletiva, mas nunca deixamos de atender as crianças, até os professores trabalhavam como voluntários, formando uma escola comunitária da necessidade de manter as crianças em um espaço para alfabetizarem, conforme consta uma das foto da escola da caixa de água.



Segundo Saraiva: começou a trabalhar como professor do PEB (Programa de educação básica) oferecido pelo governo do Estado de MS, que era para dar aula para jovens e adultos durante o período da noite, “na época eu estava com 17 anos eu dava aulas para meus pais e para as pessoas idosas para ensinar ler e escrever era a noite com lampião a gás levávamos uma lata para fazer fumaça com cupim com esterco de gado, por que era muito pernilongo trabalhávamos como voluntario e comprava o gás para dar aula a noite e durante o dia eu trabalhava de empregado de diarista em algumas fazendas.

Após trinta anos longe do assentamento Taquaral, mantendo contato apenas de forma virtual com algumas pessoas daquela localidade, tive a oportunidade de voltar para a pesquisa e rever pessoas, lembrar etapas da vida compartilhar boas lembranças; resgatar pelas entrevistas a história, as vivências, e os processos que os camponeses passaram etc.

Portanto os sujeitos entrevistados foram pessoas que viveu comigo esse processo da formação do assentamento Taquaral,

Os sujeitos entrevistados foram: Jairto Saraiva Moreira morador no assentamento Taquaral. “chegou no Taquaral com 17 anos em 1990 começou a trabalhar como professor do PEB (programa de educação básica). contratado pela prefeitura de Corumbá, hoje concursado, na área de pedagógica na prefeitura de Corumbá MS, formou em Pedagogia na Universidade Federal MS (UFMS) de Aquidauana MS. Com Pós Graduação na Educação Infantil, foi Coordenador Pedagógico, fez o Mestrado. Hoje é professor pedagogia, na “Escola Municipal Rural Polo Monte Azul” localizada no assentamento taquaral município de Corumbá MS.

Abel Garay, morador no assentamento Taquaral desde a sua fundação com formação em pedagogia, atualmente está atuando como professor na “Escola Municipal Rural Polo Monte Azul” localizada no assentamento Taquaral município de Corumbá MS.

Sérgio Pereira reside no assentamento desde a sua fundação até os dias atuais, no sitio Santa Maria no taquaral, é formado em Licenciatura e Mestrado em Música.

Doutorando em Educação, com a graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS. Mestrado Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC e Doutorado na Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, é concursado na “Escola Municipal Rural Polo Monte Azul” localizada no assentamento taquaral município de Corumbá MS, mas entretanto, até o momento da entrevista se encontra afastado para o Doutorado.

Efigênia Aparecida Tomaz, viveu no assentamento Taquaral município de Corumbá MS, desde da fundação do assentamento, foi embora do assentamento em 1993, hoje reside na cidade de Anastácio MS. Hoje cursa Graduação em História e Licenciatura, na Universidade Federal de Mato grosso do Sul, UFMS.

Meu primeiro contato com meus entrevistados se deu por plataforma digital, aonde eu pude expressar minhas ideias para elaboração das entrevistas, no segundo momento fui até o assentamento e realizei apenas uma entrevista presencial com um dos sujeitos, (Garay) por meio de aparelho eletrônico (celular). Que gravei sua fala a seguir fiz a transcrição da entrevista.

A entrevista feita com Jairto Saraiva Moreira, se deu por meio eletrônico (celular), no qual ele me respondeu através de (áudio) as perguntas feitas e enviadas por intermédio de um arquivo com 9 perguntas a respeito do processo da ocupação de terra do assentamento Taquaral, na qual após ouvi-las eu as reescrevi.

A entrevista feita com Sérgio Pereira foi feita por via plataforma digital (Email), enviado um arquivo contendo 09 perguntas a respeito do processo da ocupação de terra do assentamento Taquaral, no qual ele me respondeu através do artigo. Os entrevistados foram escolhidos por serem pessoas que vivem até hoje no assentamento.

ENTREVISTAS

1) Qual a origem dos sujeitos.

Pereira, [...] Meu pai era mecânico e agricultor arrendatário em Indiápolis/Dourados-MS, minha mãe professora pedagoga. Em 1995 minha família arrendava uma área de plantio de arroz, de 100 alqueires. Aconteceu que nos dias próximos à colheita, houve uma enchente, uma tromba d'água que destruiu praticamente toda lavoura. A família ainda colheu 3.000 sacos de arroz na mão e com colhedeira de rodas de ferro, mas o restante da produção que poderia chegar a 20.000 sacas se perdeu. O fazendeiro que arrendava a terra confiscou todos os 3.000 sacos, deixando minha família na completa miséria, pois os financiamentos do banco eram a juros altíssimos e todo patrimônio da família e parte do patrimônio dos avalistas foi perdido. Por conta disso não restou outro caminho senão os barracos de lona.

Saraiva,[...] entretanto a origem dos meus pais e minha, viemos do nordeste para trabalhar em dourados e ali ficamos muitos anos trabalhando de diarista nos sítios e fazendas da região, entretanto segundo ele com a mecanização nos anos 80 as pessoas foram ficando desempregados porém já não tinha mais serviço a mecanização foi tirando nossa mão de obra, o trator chegou mudou a cultura do milho, mudou a cultura do feijão, mudou a do algodão, começaram grandes plantios de soja e milho começam surgir os tratores e colheitadeiras, então a mão de obra foi ficando escassa, por isso fomos para o acampamento meu pai trabalhava, fazendo pequenos bicos, nas fazendas próximas ao acampamento também colhia braquiária, furava fossa, carpiá terrenos, e minha mãe trabalhava de diarista lavando limpando e passando roupas na casa das famílias, de dourados durante esses dois anos sobrevivendo como podia.

Garay, [...] em 1984- morava na cidade de Três Lagoas MS, minha família composta por 5 irmãos, trabalhávamos de boias frias nas lavouras da região, em 1985 ouvíamos falar que o governo ia distribuir terras para as pessoas que não tinham terras para trabalhar como meus pais eram boias frias decidimos fazer parte desse movimento.

Autora, [...] meus pais era trabalhadores rurais morávamos no sítio do meu avô em São José do Divino/BH, em 1985, recebemos uma oferta para trabalhar na cidade do Paraguai, como arrendatários na fazenda Sancha nessa época, muitas famílias de agricultores brasileiros se

encontravam morando no Paraguai. Porém ao passar dos anos enfrentamos problemas nesse país. Retornamos para o Brasil, aonde ficamos acampados no campo de aviação desativado da cidade de sete Quedas MS. Com a esperança de conquistar a terra através da Reforma Agrária prometida pelo governo brasileiro

2) Como se deu a forma de organização do Assentamento Taquaral no início?

Pereira, [...] os assentados naquela época foram organizados a partir dos sindicatos de trabalhadores rurais, com o apoio da CPT. O Movimento Estadual dos Sem Terra e o Comitê Pro Reforma Agrária de MS, além das pessoas ligadas aos sindicatos de trabalhadores rurais (STR), à CUT/FETAGRI, lideranças e agricultores expulsos dos arrendamentos e posses foram se juntando. Em 1989 fomos para Corumbá, na fazenda Taquaral, de onde fomos despejados e depois retornamos para sermos assentados em 20/09/1991.

Saraiva, [...] primeiro houve uma mobilização dentro do acampamento tinha as vigílias na época dos anos 80 muitas pessoas eram contra os acampamentos, as pessoas que passava jogava bomba, outros jogavam garrafas com gasolina e tocava fogo, então era preciso que a entrada no assentamento fosse restrita, tinha as guaritas e os pais eram os guardas, e dentro a comunidade começou a se mobilizar tinha as escolinhas de alfabetização dos adultos muitos adultos da época não sabia ler e escrever.

Garay, [...] essa organização se dava de forma coletiva todos os movimentos sociais que se organizava em pró a Reforma Agraria se trabalhava em conjunto, e dessa forma as informações e instruções passada as lideranças que tinha um papel maior junto aos sem terras.

Autora, [...] no primeiro momento se dava a organização por meio dos sindicatos de trabalhadores rurais, com o apoio da CPT. O Movimento Estadual dos Sem Terra e o Comitê Pro Reforma Agrária de MS, que passava as instruções para as lideranças responsável pelo acampamento e, essas lideranças passava as informações para as famílias assentadas existia um tipo de hierarquia de forma organizada dentro dos acampamentos, nada era decidido sozinho, todos os sujeitos participava das decisões tomadas

3) Como foram definidos os locais para os assentados?

Garay, [...] o governo afim de desafogar as cidades, por que estava feio um monte de barracos de lonas aos arredores das cidades, do estado do MS, transferiu essas famílias acampadas para a fazenda Santo Inacio hoje conhecida como assentamento Marcos Freire município de Dois Irmãos do Buriti MS, essas famílias permaneceram lá por dois anos como a área era pequena e não suportava todas as famílias foram levados para outras áreas, inclusive a taquaral

Pereira, [...] as lideranças faziam o estudo junto aos sindicatos e tinha uma inteligência para pesquisar as terras improdutivas e devolutas do MS, quando se descobria, começava a se pressionar o governo para desapropriação, mas quem definiu mesmo foi o governo, ofereceu de todas as terras devolutas as que eram mais difíceis, sem água, com baixa fertilidade, calor excessivo como no caso de Corumbá, difícil acesso como o caso de Bodoquena. O Estado tentou punir da maneira mais difícil os acampados de 1986. Tanto é que ninguém foi assentado próximo de sua área de origem, rompendo laços familiares, formas e saberes locais sobre o ambiente que eram acostumados a trabalhar e abandono estrutural.

Saraiva, [...] o governo Marcelo Miranda vendo que no Mato Grosso Sul, surgiu muitos acampamentos tinha acampamentos em dourados, em Eldorado, em Jatei, tinha os brasiguaios que eram um pessoal do Brasil que estava no Paraguai tinha vindo para o Brasil Três Lagoas, Amambai enfim havia vários acampamentos no estado, com isso o governo achou que estava ficando muito feio as cidades e resolveu arrumar uma área para tirar as famílias da cidade e leva para uma área bem distante que na época foi levado 840 famílias para a fazenda Marcos Freire em Dois Irmãos do Buriti, os pais as irmãs e muitos grupos que apoiava o trabalho no acampamento, e dentro desse acampamento foi surgindo mais lideranças e essas lideranças

Começaram a viajar para Brasília e para Campo Grande afim de pressionar o governo até que em 1989 houve uma marcha que foi uma marcha onde saímos de Dois Irmãos do Buriti até Campo Grande e ocupamos a governadoria na época era o governo Marcelo Miranda e dessa ocupação a gente ficou uns 15 dias em Campo Grande dormindo no quadriniza-o e fazia

¹Constata-se que, a partir do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, grande número de brasileiros oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná migraram para o Paraguai e passaram a ser denominados de “brasiguaios”,

Os brasiguaios são, os camponeses e trabalhadores rurais pobres de toda ordem expulsos do campo paraguaio pela modernização agrícola que chegava ao vizinho país no início dos anos 1980.

manifestações na assembleia e nos centros de campo grande, ai foram disponibilizados através dessa luta disponibilizou alguma áreas,

Nessa marcha o movimento conseguiu desapropriar as áreas, Piraputanga, Taquaral, casa verde, dois Irmãos do Buriti a fazenda marcos freire na época houve uma grande conquista, que conseguimos conquista cinco áreas através da Reforma Agrária, entretanto durante isso o governo começa a possibilidade de levar essas famílias, primeiro houve uma visita das lideranças foram conhecer as áreas, após essa levantamento das áreas, o governo preparou transportes para levar as pessoas até as áreas , quem quisesse ir pra casa verde iria , outras foram para monjolinho, outras ficaram em santo Inácio., outros para pirapitinga, ai nós fomos para o Taquaral, fomos levados de caminhões até a estação de trem de palmeiras, depois transportados de trem de carga e passageiro, até corumbá , quando chegamos em corumbá fomos levado de caminhão para a fazenda Taquaral.

A autora,[...] várias famílias acampadas por dois anos, no campo de aviação desativado da cidade de Sete Quedas MS, depois de várias manifestações junto aos órgãos públicos municipal e estadual essas famílias foram transferidas de caminhão para a fazenda santo Inacio no município de Dois Irmãos do Buriti, nesse acampamento houve grandes manifestações com marcha, ocupação de órgãos públicos na cidade de Campo Grande MS, foi através dessas lutas que algumas áreas foram desapropriada, entre elas a fazenda Taquaral município de Corumbá MS, 305 foram transferidas, para a fazenda taquaral em Corumbá MS.

4) Quais as dificuldades para sobreviver nesse Período?

Pereira, [...] foram 33 anos de resistência na terra, a luta não foi, a luta é. Continuamos na luta por dignidade, por diminuição da desigualdade e fortalecimento de uma agricultura familiar que possa alimentar o Brasil com qualidade, sem veneno, sem exploração do trabalho escravo. Muitos não sobreviveram a esse processo cruel que o Estado submeteu e submete quem vive na Reforma Agrária, o que moveu e move esse povo acredito que seja a esperança e a mística de um sonho que venha se tornar realidade, de ter uma condição material digna a todos.

Saraiva, [...] na época só tinha uma estrada que ligava a Taquaral ao assentamento pãozinho, não tinha água não tinha energia não tinha estrada era apenas uma picada, enfim acampamos ali, , como corumbá era muito quente e devido ter muito pernilongo, logo já se viu

a necessidade de ter que cortar palha cobrir os barracos de palha devido ao calor e com isso o Incra fez doação de tambores de 200 litros de água para as famílias e durante uma vez por semana enviava os caminhões pipas para encher os tambores, nesse momento tínhamos pouca ajuda, e com isso o movimento das lideranças junto com movimento do sindicato conseguiram trazer um ônibus para transportar as famílias até a cidade, com isso algumas pessoas começaram a trabalhar na cidade, fazendo bicos, empregos domésticos, para sobreviver e manter a terra, no entanto quando chegamos no acampamento era proibido desmatar fazer roça apenas plantamos legumes e algumas hortaliças, por que ainda não estava desapropriada para reforma agrária.

Garay, [...] a luta para a sobrevivência nesse período foi muito difícil, era um amontoado de gente passando necessidade, não tinha serviço para todos e quem tinha alguma coisa foi sobrevivendo do que tinha, quem não tinha recebia ajuda dos outros, e iam trabalhar nas fazendas vizinhas para buscar o sustento da família, o governo distribuía de 15 em 15 dias um sacolão com arroz feijão fubá entre outros, mas muitas das vezes os alimentos vinham estragados, ele relatou que o feijão tinha que por um dia inteiro de molho para cozinhar, as vezes o fubá o arroz vinha com bigatos mais mesmo assim as famílias utilizava aqueles alimentos pois muitos não tinha nada para pôr em seu prato.

A autora, [...] a luta para a sobrevivência nessa época foi difícil para todos os assentados da Taquaral. não tinha agua nem luz, quem tinha um lampião a gás, ou um tambor ou uma caixa para armazenar a água salobra, que mais parecia leite, sobrevivia melhor que os outros que muitas das vezes não tinha um balde para armazenar sua água, com essa precariedade e escassez de água, muitas pessoas ficaram doentes quando chegaram na Taquaral, não se adaptaram com o clima quente e a falta de água no acampamento, enfim era um monte de barracos de lona preta tudo um perto do outro, era um amontoado de gente passando necessidade, na minha família éramos quase todos menores de 18 anos o único meio de sobrevivência era colher frutas nativas na mata como, jabuticaba entre outras coisas, para vender na cidade e sempre recebíamos doações como pão alimento roupas, sapatos, das pessoas da cidade, enquanto isso meu pai e meus irmãos mais velho procurava terrenos na cidade para capinar, e também ia trabalhar como diaristas nas fazendas vizinhas para buscar o sustento da família, Minha mãe sempre ficava no assentamento pois não podia se afastar do assentamento era preciso estra sempre de prontidão nas reuniões que as lideranças faziam, e assim fomos sobrevivendo.

5) Obtiveram ajuda do Governo?

Saraiva [...] ganhávamos um sacolão de vez em quando, mas no caso do Taquaral, o governo não apoiou como deveria, passou muito longe disso, tanto é que até hoje nem o recurso habitação foi aplicado, faz 33 anos. Não recebia na época do acampamento na época que adquirimos a propriedade não recebemos nada nem crédito, não tinha dinheiro e cada família se viver como podia, não recebemos moradias, entretanto até hoje para as famílias do assentamento Taquaral não houve recursos para moradia aí cada um fez sua casinha de madeira na época de lona ou pal. A pique, depois foi melhorando, com o tempo.

Pereira [...] 33 anos de resistência na terra, a luta não foi, a luta é. Continuamos na luta por dignidade, por diminuição da desigualdade e fortalecimento de uma agricultura familiar que possa alimentar o Brasil com qualidade, sem veneno, sem exploração do trabalho escravo.

Muitos não sobreviveram a esse processo cruel que o Estado submeteu e submete quem vive na Reforma Agrária, o que moveu e move esse povo acredito que seja a esperança e a mística de um sonho que venha se tornar realidade, de ter uma condição material digna a todos.

Garay [...] alutar para a sobrevivência nesse período foi muito difícil, não tinha serviço para todos e quem tinha alguma coisa foi sobrevivendo do que tinha, que não tinha, tinha que se virar com ajuda dos outros, e iam trabalhar nas fazendas vizinhas para buscar o sustento da família,

Autora [...] nessa fase do acampamento foi muito difícil para todos a escassez de água, falta de alimentação, sem acesso a saúde, com uma educação precária aonde que os alunos iam para uma escola sem estrutura e sem alimento, com uma água difícil para o consumo, quem conseguiu sobreviver essa dura realidade que no momento era apenas isso que o poder público pode oferecer para um povo que estava apenas lutando pelos seus direitos que historicamente foi usurpado delas à terra.

6). Quais os critérios para assentar uma família?

Pereira [...] havia uma regra de que a família tinha que ter uma tradição camponesa, tinha que provar que sabia trabalhar a terra. Mas ali todos eram oriundos do campo, sejam arrendatários, posseiros e boias frias.

Saraiva [...] sim, pra fazer o cadastro do Incra e receber uma propriedade basicamente todo mundo era oriundos da roça todo mundo sabia plantar sabia colher, sabia trabalhar, mais não tinha terra para trabalhar então era feito o cadastro pelo Incra de quantas pessoas era da família se os pais sabiam plantar, se sabiam colher se sabia viver da terra mesmo, com isso todo mundo fez o cadastro que na época era feito a mão por não haver tecnologia os cadastrados ficavam no acampamento enquanto seu cadastro eram aprovados.

Garay [...] as famílias precisavam ser cadastradas no sistema do Incra, era preciso também saber linda com a terra ter força de trabalho para as atividades agrícolas quanto maior o número de pessoas na família maior a chance de adquirir um pedaço de terra.

Autora [...] no primeiro momento era necessário a família se cadastrar no órgão do Incra não podia ter outra propriedade de terra, precisava saber trabalhar com a terra, precisava permanecer no assentamento por todo o processo de aquisição da terra.

7) Recebiam Algum Equipamento Durante e Após o Processo de Partilhas das Terras, Tais Como: Assistência Técnica, Assistência Financeira, Trator, Animais de Trabalho, Sementes.

Pereira [...] quem fazia esse trabalho era a CPT, mas em relação a sementes. Equipamentos agrícolas só foram aparecer muitos anos depois, quando as associações passaram a se fortalecer, alguns grupos também se juntaram para comprar trator coletivamente, mas isso na década de 1995, por aí. A assistência técnica era muito insipiente, como ainda é. Na época a EMPAER tinha seus técnicos, que ficavam mais na parte burocrática, a campo mesmo, raramente.

Saraiva, [...] disse que: Alguma família já tinha condições de comprar um motosserra e construir sua casa de madeira, outros saíram da lona, fizeram sua casa de Eternit.

Entretanto maquinário para trabalhar na terra, não tinha como trator, animais alguns tinha uma cabra cavalos, mas nós não recebemos nada, só com o tempo que o banco começou a oferecer crédito para financiamento para as famílias para comprar animais, sementes, e assim acabou muita gente endividados, depois foi montado uma associação e conseguimos receber o maquinário do estado no caso trato com implementos para dar manutenção em nossas terras.

Garay [...] disse que: nos primeiros anos não recebemos nada, com o passar dos anos foram melhorando as famílias já começa a plantar sua roça sua horta para manter sua sobrevivência no local enquanto isso os projetos de assistência para os assentados iam começando, porém, não era a assistência que os assentados esperavam por que os projetos que vinha tinha um intercâmbio, as famílias assentadas não pegava o dinheiro em mãos vinha o projeto e eles tinham que pegar o material, com isso dificultou muito a vida das pessoas, para a assistência técnica era preciso agenda tinha que ficar esperando a boa vontade dos órgãos responsáveis por isso as vezes não vinham e os assentados acabavam desanimando e ou perdia parte do investimento desse projeto e com isso muitos acabaram desanimando e muitos indo embora.

Autora [...] nós não recebemos nada em primeiro momento, mas com o passar do tempo começou a melhorar começamos a plantar, legumes, frutas, entre outros, e com a colheita podíamos vender na feira de Corumbá, para a nossa sobrevivência, até o corte dos lotes definitivos.

8) Qual marco se considera a primeira vitória dos assentados?

Pereira [...] difícil falar em primeiro resultado, penso que foram muitos resultados até chegar a conquista da terra, muitas dificuldades também. Acredito que o primeiro resultado foi conseguir juntar 200 famílias para acampar no centro de Dourados, e, exigir o cumprimento da promessa do governo, lembrando que estávamos saindo da ditadura militar e nem havia a constituição de 1988 que determinava a desapropriação de terras a fim de Reforma Agrária daquelas que não cumpriam sua função social. A primeira vitória penso que foi essa, juntar o povo para se pôr em marcha. Depois de algumas Marchas e manifestações na cidade o governo começou a fazer o corte dos lotes, depois dos cortes dos lotes em 1991 com novas manifestações as lideranças correndo atrás fez com que acontecesse o sorteio dos lotes em setembro de 1991, cada família recebia um número e esse número era o número do seu lote.

Saraiva, [...], acredito que o primeiro resultado se dá a partir do momento em que as famílias organizadas conseguiram alguns resultados positivos através das marchas e manifestações pressionando o governo Estadual Marcelo Miranda afins de distribuição dos lotes definitivos que foi realizado em setembro de 1991,

Garay [...] primeiro resultado considero que foi a conquista dos lotes definitivos aonde foi realizado os sonhos de muitos sujeitos que viviam em um acampamento tumultuado em barracos de lonas pretas, agora era se aliar aos novos desafios na estruturação da vida nos lotes.

Autora [...] é difícil de falar em primeiro resultado, pois cada manifestação que o povo fazia para conseguir seu pedaço de terra e que resultava em um resultado positivo, já pode ser considerado uma vitória para o povo, mas, entretanto, quando houve a distribuição dos lotes definitivos cada família pode sentir a sua terra tão esperada e sofrida em suas mãos, considerando essa uma das mais grandes vitórias para o povo.

9). Quais foram as principais ações, na área da Saúde, Educação e Infraestrutura, após a posse da Terra?

Saraiva,[...] se hoje fomos analisar as melhorias que aconteceram na educação do campo, principalmente no assentamento Taquaral melhorou muito a gente conseguiu melhorar a parte da estrutura da escola a estrutura física hoje a escola é de alvenaria tem uma estrutura boa as salas possui ar condicionado temos quadra de esportes coberta nós temos transportes escolares os alunos tem o reporte devidamente com segurança a merenda é de boa qualidade temos funcionários para a limpeza , os merendeiras, fogão industrial, sala de informática com internet sala de vídeo , então hoje o assentamento a escola monte azul com um quadro de professores todos formados, muitos com especialização outros com mestrados já temos até professores hoje da escola fazendo doutorado, então houve um grande avanço na nossa comunidade, hoje a gente já não encontra mais adultos analfabetos no assentamento os nossos jovens consegue sai da zona rural e fazer um ensino médio de boa qualidade indo para fundação BRADESCO estudando na cidade no dom Bosco estudando na escola pãozinho aonde tem uma sala de ensino médio muitos jovens do assentamento hoje adentrando na universidade no caso eu tive o prazer de ver minhas duas filhas a Jessica e Aline que fizeram

faculdade , hoje a Aline minha caçula é professora de matemática , então a gente vê que a educação mudou bastante, melhorou muito a vida dando possibilidades a mudanças de cabeça mesmo e nos professores da comunidade acabou ganhando bastante com a melhoria da educação que teve na educação do campo, então hoje o assentamento Taquaral tem bastante relevância nós podemos dizer que todos os lotes tem energia elétrica com o projeto luz para todos o assentamento tem estrada a gente consegue ter uma estrada pra chegar até a cidade temos transporte coletivo cada um prosperou um pouquinho com seu trabalho construindo sua casa abrindo suas propriedades, então hoje podemos dizer que somos vencedores de uma luta de um acampamento a gente conquistou a terra e a educação para nossos filhos eu me considero um cara que prosperei por que pra quem era filho de analfabeto, consegue fazer o consegui fazer uma faculdade na federal fazer uma pós um mestrado passa no concurso e hoje ser professor assentado sou feirante sou pai eu sou filho , então são conquista da nossa luta, e isso me deixa muito grato e muito feliz com as nossas conquistas do assentamento.

Garay, [...] com o passar dos anos foram melhorando as famílias já começa a plantar sua roça sua horta para manter sua sobrevivência no local enquanto isso os projetos de assistência para os assentados iam começando, porém, não era a assistência que os assentados esperavam por que os projetos que vinha tinha um intercâmbio, as famílias assentadas não pegava o dinheiro em mãos vinha o projeto e eles tinham que pegar o material, com isso dificultou muito a vida das pessoas, para a assistência técnica era preciso agenda tinha que ficar esperando a boa vontade dos órgãos responsáveis por isso as vezes não vinham e os assentados acabavam desanimando e ou perdia parte do investimento desse projeto e com isso muitos acabaram desanimando e muitos indo embora.

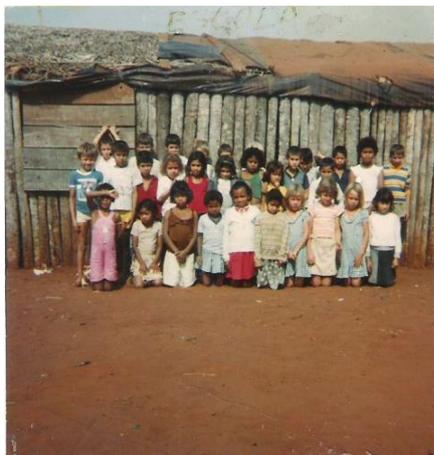
Os professores que atuavam na época da formação do assentamento aqueles que eram professores que não tinha formação hoje todos eles conseguiram se formar conseguindo uma qualificação na educação, já na área da saúde, ele relata que hoje o assentamento Taquaral possui um prédio que foi construído para o atendimento do posto de saúde, porem se encontra desativado a mais de 5 anos o atendimento é feito em um espaço cedido pela escola um espaço destinado para o campo de experiência, da escola, sobre o transporte ele relata que: tem transporte porem não é da melhor qualidade mais nós temos. Sobre a estrada que liga a cidade ao assentamento podemos dizer que está razoável, pois já foi muito complicado no início, o solo da região é muito liso e escorregadio, então as vezes ficávamos sem transportes devido as chuvas, mas hoje ela está cascalhada e isso tem ajudado muito no trajeto do veículo da cidade

até o assentamento. Sobre lazer: segundo ele o governo se deu uma área para construir uma área de lazer para a população, mais está um matagal e até hoje não foi feita nada não tem nada investido nessa área, na educação estamos com um prédio condenado, um pavilhão isolado reforma está atrasada a 3 anos e até agora nada, enfim houve sim algumas mudanças, mas todas as melhorias que aconteceram foram através dos movimentos sociais que se organizaram em busca de melhorar a sobrevivência para as pessoas assentadas até hoje.

Pereira [...] a CPT fazia o trabalho de disponibilizar sementes e instruções para utilização e manuseio com a terra, a partir de equipamentos agrícolas só foram aparecer muitos anos depois, quando as associações passaram a se fortalecer, alguns grupos também se juntaram para comprar trator coletivamente, mas isso na década de 1995. Sendo, a assistência técnica muito insipiente, a EMPAER.

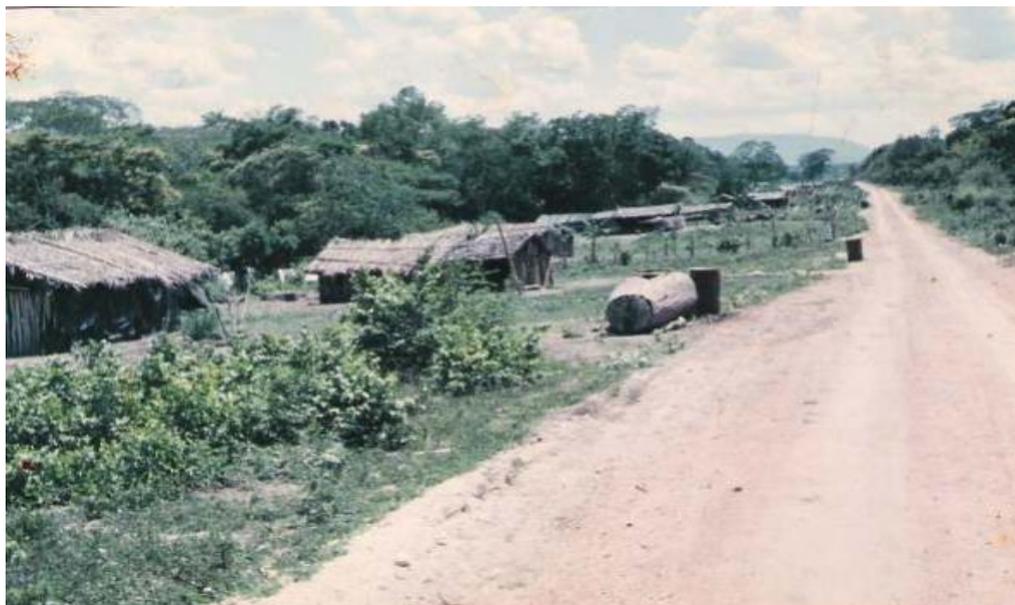
Autora [...] - vivi no assentamento apenas até 1992 um ano após o sorteio dos lotes, com o falecimento do meu pai, passamos muita dificuldade minha família preciso ir embora do assentamento pois a terra que adquirimos não tinha madeira, uma terra improdutivo, degradada era preciso investimento muitos recursos de manejo, para que ela se tornasse produtiva como não recebíamos ajuda do governo para investir na terra na época, foi preciso que ir embora da Taquaral, as lembranças que tenho do assentamento foram antes da conquista da terra, as infra estruturas que lá tem hoje, não pude acompanhar, porém foi uma grande vitória para o povo que ali permaneceram.

Foto 1: Escola de “pau a pique”, uma das primeiras escolas construídas pela comunidade que formou o Assentamento Taquaral.



Fonte: Arquivos da Escola Municipal Rural Polo “Monte Azul”. Cedida pelo professor Jairo Saraiva Moreira.

Foto 2: Início do Acampamento Taquaral, 1989.



Fonte: foto cedida pela CPT. Arquivos da Escola Municipal Rural Polo “Monte Azul”. Cedida pelo professor Jairo Saraiva Moreira.

Foto 3: Escola da Caixa d’Água, Taquaral, 1990.



Fonte: foto cedida pela CPT. Fonte: foto cedida pela CPT. Arquivos da Escola Municipal Rural Polo “Monte Azul”. Cedida pelo professor Jairo Saraiva Moreira.

RESULTADO DOS DEPOIMENTOS APRESENTADOS

os sujeitos entrevistados foram inseridos no processo de luta para conquistar seus direitos através da política pública de Reforma Agrária no Brasil. Saraiva, disse que entrou na luta pela terra quando a modernização do campo e a mecanização, que chegou e mudou à cultura do milho, mudou a cultura do feijão, mudou a do algodão tirando a mão de obra dos trabalhadores rurais, restando apenas como fonte de escape, os barracos de lonas as margens das cidades, MS. Todavia Garay relata que: o acampamento Taquaral se se organizou de forma coletiva junto aos movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores rurais, com o apoio da CPT. O Movimento Estadual dos Sem Terra e o Comitê Pro Reforma Agrária de MS. esses movimentos eram responsáveis pelas lideranças e as lideranças responsável pelo acampamento. Todavia grifo meus), existia uma hierarquia de forma organizada dentro dos acampamentos, nada era decidido sozinho, todos os sujeitos participavam das decisões tomadas, portanto Pereira afirma que era responsabilidade das lideranças junto aos sindicatos fazer um levantamento das áreas improdutivas e devolutas do MS.

Saraiva, aborda as dificuldades encontradas quando chego assentamento Taquaral não tinha água, não tinha energia, não tinha estrada. era apenas uma picada, muito pernilongo, Garay destaca que realmente a luta para a sobrevivência nesse período foi muito difícil muitas famílias passando necessidade recebia dos órgãos públicos alimentos que muitas das vezes vinham estragados.

(Grifo meus) passamos momentos muitos difíceis um lugar que não possuía água potável água era salobra, que mais parecia leite, com essa precariedade e escassez de água, muitas pessoas ficaram doentes quando chegaram na Taquaral, não se adaptaram com o clima quente e a falta de água no acampamento,

Entretanto pereira concorda que realmente momento de introdução das famílias no assentamento Taquaral, o poder público não deu condições, para esses sujeitos coletivos que ali se estabeleciam. Portanto saraiva assim descreve que: essa falta de suprimento alimentar que assolou as famílias do assentamento Taquaral no seu início, foi devido, ser proibido para o desmatamento das terras, para plantar, roça apenas era permitido plantar legumes e algumas hortaliças, por que ainda não estava desapropriada para Reforma Agrária

As famílias sem-terra moradoras no assentamento Taquaral passou por momentos difíceis durante o processo de formação do assentamento, mesmo com poucos recursos, lutando

contra a fome, vivendo de forma miserável, em condições precárias, a comunidade teve a preocupação inicial de ir à luta, cada família começou a cultivar seu próprio meio de sobrevivência plantando feijão, milho, abóbora, melancia, entre outros, exemplo a jabuticaba que era nativo na região, muitas vezes se tornava meio de sobrevivência para muitas famílias acampadas, esses alimentos eram comercializados nas feiras de Corumbá e também vendido nas ruas de porta em porta

Nesse momento de formação do assentamento a educação ficou do mesmo jeito, as famílias acampadas se organizaram e os sujeitos que sabiam ler e escrever quem possui a 6ª série começou a ensinar as outras pessoas, nesse momento a comunidade se junta e começa a construir as escolinhas de pau a pique de palha e madeira tirada ao machado, a primeira escola foi construída na caixa de água foi de pau a pique coberta de lonas pretas

Entretanto com o passar dos anos essas famílias foram se organizando e através das lutas sociais foram conquistando seus direitos e melhoria junto aos órgãos públicos, na infraestrutura, educação, na saúde, etc.

Por fim a questão agrária é debatida por mais de cinco séculos e elevada concentração fundiária, hoje se alia a uma série de “outras” questões, como a questão energética, a questão indígena, a questão ecológica, a questão urbana e a questão das desigualdades regionais. Ou seja, a questão agrária permeia hoje uma série de problemas fundamentais da sociedade brasileira.

Todavia Pereira disse que: foram 33 anos de resistência na terra, a luta não foi, a luta é. Continuamos na luta por dignidade, por diminuição da desigualdade e fortalecimento de uma agricultura familiar que possa alimentar o Brasil com qualidade, sem veneno, sem exploração do trabalho escravo. Continuou dizendo que: muitos não sobreviveram a esse processo cruel que o Estado submeteu e submete quem vive na Reforma Agrária, o que moveu e move esse povo acredito que seja a esperança e a mística de um sonho que venha se tornar realidade, de ter uma condição material digna a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a ocupação do Brasil pela Coroa portuguesa em 1532, o Brasil passou a conviver com uma abusiva concentração fundiária, onde predomina a concentração de terras nas mãos de poucos potentados, que eram nominados latifúndios.

Em 1985, no governo de José Sarney, vice-presidente que assumiu após a morte do presidente Tancredo Neves anunciou O 1º Plano de Reforma Agrária de 1985, que pouco beneficiou os trabalhadores em sua luta pela terra. Durante o governo Collor (1990-1992), essa política foi praticamente interrompida. Dessa forma, a política de Reforma Agrária não encontrava espaço no governo Collor. Com o impeachment de Collor o vice Itamar Franco assume a presidência, entretanto não realizou mudanças substanciais na política para a agricultura), ao retomar os projetos de Reforma Agrária. Conseguiu nesse período, implantar 4.281 projetos de assentamento no Brasil.

O então presidente Luiz Inácio Lula da Silva eleito em 2003, em seu programa de governo criou a expectativa de que a Reforma Agrária seria de fato realizada como um instrumento de inclusão social, afim de “implementação de um programa de Reforma Agrária amplo de Dilma Rousseff. Mas encontrou dificuldade quando os ruralistas se se organizaram contra a política agrária do governo Lula. Esse processo de “ruptura política”, patrocinado por empresários e banqueiros e apoiado por setores conservadores da sociedade, culminou com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, para a presidência da República.

Entre as principais promessas do ex presidente Jair Bolsonaro, estava a criminalização dos movimentos sociais, o apoio ao uso da violência pelos latifundiários, o fim da demarcação de terras indígenas e quilombolas, entretanto logo no início do governo, a política de Reforma Agrária foi oficialmente suspensa por tempo indeterminado.

Consideramos que, desde sua implantação até no momento presente, essa política de Reforma Agrária não foi feita por completo, por conta da atuação das elites econômica do Brasil que nunca deixaram de ter uma atuação maior na economia latifundiária do agronegócio que tem uma influência devido aos atrelamentos da política pública.

Segundo o Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura familiar. Paulo Teixeira o atual presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, vai anunciar ainda no mês de fevereiro 2024, a retomada, de uma série de ações com vistas a promover a redistribuição de terras improdutivas. E fornecerá crédito e assistência técnica aos assentados, estimulando a formação de cooperativas. Entretanto O Brasil possui uma enorme adversidade de sujeitos coletivos comunidade tradicionais caracterizadas por uma forte relação entre a terra, a natureza e o modo

de viver entre os povos tradicionais estão as comunidades quilombolas formadas por descendente de pessoas negras escravizadas durante o período colonial a constituição brasileira de 1988 reconhece os povos originários e as suas comunidades

Portanto a visão clássica da reforma agrária tem duas funções principais:

a função social, que é reduzir a desigualdade social por meio da redistribuição do latifúndio, e função econômica, que é ampliar o mercado interno e assim impulsionar uma rota. A nova reforma agrária conserva sua função social acrescida de sua função cultural e ecológica. Mas ela difere da reforma agrária clássica: primeiro porque é obra coletiva de múltiplos movimentos sociais, indígenas, quilombolas, camponeses tradicionais, Sem Terra, e em segundo lugar porque protege patrimônios ecológicos e culturais do país e do mundo, e sim, a realidade agrária é composta por camponeses em luta.

Por tanto a questão agrária é debatida por mais de cinco séculos e elevada concentração fundiária, hoje se alia a uma série de “outras” questões, como a questão energética, a questão indígena, a questão ecológica, a questão urbana e a questão das desigualdades regionais. Ou seja, a questão agrária permeia hoje uma série de problemas fundamentais da sociedade brasileira. E, é de fundamental importância a sociedade ter esses conhecimentos no qual devem ser valorizados e debatidos, isso pode gerar mudanças fortalecendo a identidade cultural e os promoverem a um novo lugar na historiografia.

Por fim, a história do assentamento Taquaral é marcada pela superação de obstáculos conquistados coletivos e a construção de um espaço de dignidade e cidadania. Embora os desafios ainda persistam, a comunidade continua firme em sua luta por melhores condições de vida e pela consolidação de seus direitos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Márcia r. et al. **A educação na reforma agrária em perspectiva: uma avaliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.** São Paulo: Ação Educativa, 2004.

BRAND, Antônio Jacó; et al. Os Kaiowá e Guarani e os processos de ocupação de seu território em Mato Grosso do Sul. In: ALMEIDA, Rosemeire A. (Org.). **A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar.** Campo Grande: UFMS, 2008. p.27-51.

COSTA, F. Nogueira da. **Complexidade Brasileira: Abordagem Multidisciplinar.** Campinas (SP), Unicamp-IE, 2018.

CONCEIÇÃO, c. a.; **A Agroecologia como estratégia de desenvolvimento territorial em áreas de fronteira: o caso dos assentamentos rurais de corumbá e Ladário – MS.2016. 175, p.** (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Laranjeiras do Sul, 2016.

CONCEIÇÃO, c. a.; **A Agroecologia como estratégia de desenvolvimento territorial em áreas de fronteira: o caso dos assentamentos rurais de corumbá e Ladário – MS.2016. 175, p.** (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Laranjeiras do Sul, 2016.

FABRINI, J. E. **Latifúndio e agronegócio: semelhanças e diferenças no processo de acumulação de capital.** Revista Pegada. Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus M.C. v. 9, n. 1, 35-62, jun/2008. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1643/1579>. Acesso em: 12 de novembro 2023.

FERNANDES, Bernardo. **Reforma Agrária no governo Lula: a esperança.** Presidente Prudente (SP), 2003. Disponível em:

http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/LULA_RA.pdf. Acesso em: 15 de novembro

FERNANDES, B. M. **Reforma Agrária e Educação do Campo no Governo Lula.** Revista Campo-Território, Uberlândia, v. 7, n. 14 Agosto, 2012.

FERNANDES, J. índio: **Esse Nosso Desconhecido.** Cuiabá: Editora da UFMT, 1993. Bibliografia.

FERREIRA, Brancolino. Fábio, carvalho. José Juliano. **Constituição vinte anos: caminhos e descaminhos da reforma agrária – embates (permanentes), avanços (poucos) e derrotas (muitas).** Políticas Sociais: acompanhamento e análise, n. 17, vol. 2, Brasília, Ipea, 2008.

FETAGRI-MS (**Federação dos Trabalhadores na Agricultura em Mato Grosso do Sul**). Famasul, 1977. Disponível em:

<https://portal.sistemafamasul.com.br/search/node/fetagri>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

FREITAS, André. **A Reforma Agrária em Mato Grosso do Sul: os Dilemas e as possibilidades nos assentamentos rurais a partir da análise dos dados do Inca.** 31 de março de 2020. 199 p. (Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Dourados MS, 2020.

GODOY, Arilda. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto-; et al. **A Contra Reforma na Lei e na Marra–Brasil (2015-2017).** In: CPT. **Conflitos no Campo – Brasil 2017.** Goiania: CPT Nacional, 2017.

KOLLING, Edgar J.; et al. **Por uma Educação do Campo: Identidades e Políticas Públicas**. Brasília: Edição Por Uma Educação do Campo, nº 4, 2002.

MAÇANO, Fernandes. **Inserção sócio-política e criminalização da luta pela terra: ocupações de terra e assentamentos rurais no Pontal do Paranapanema - São Paulo**. Cahiers du Brésil Contemporain. La Riche: , v.51/52, p.71 - 94, 2003.

MANÇANO, Fernandes: **Reforma Agrária: e Educação do Campo no Governo Lula**. Campo-território: Revista de Geografia Agrária, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Presidente Prudente. v. 7, n. 14, p.1-23, ago. 2012.

MARTINS, José. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo. Livraria pioneira.1975.

MARTINS, José. **Os camponeses e a política no Brasil; as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**: Petrópolis RJ Brasil: Editora, Vozes LTDA. 1981.

MENEGAT, Alzira. **No coração do Pantanal: Assentados na Lama e na Areia As Contradições entre os Projetos do Estado e dos Assentados no Assentamento Taquaral – MS**. 2009. 195 p. Tese de Doutorado (Pós graduação Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara/SP, 2003.

MENEGAT, Alzira. **Agrovilas rurais: a negociação do espaço e a gestação da recusa**. Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 10, p. 11 a 15 de novembro de 2005.

MINOZZO, Ivaneide Terezinha. **Estudo das origens dos assentados do projeto de assentamento Taquaral: um resgate histórico**. Projeto de Iniciação Científica apresentado no Curso de História. Corumbá; UFMS/CEUC, 1996.

MOREIRA, Jairto. **Professores do assentamento Taquaral: a trajetória de luta pela terra e educação**. 2010.133 p. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2010.

MOREIRA, Ronivon. **Aspectos socioeconômicos e educativos dos agricultores familiares do assentamento Taquaral em Corumbá.** 2021. 135, p. (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade, da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre). Dourados, MS, 2021.

MORISSAWA, m.a **História da luta pela terra e o MST:** Expressão Popular, 2001. (Fonte: Agência Senado Ricardo Weston: arquivo Publicado em 14/9/2020 São Paulo. Edição 71. Questão agrária).

MORO, D.; et al. **Reforma Agrária e a luta do MST: Uma alternativa de inclusão?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

PINTO, Tales. **Governo Sarney – Economia:** Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-sarney.htm>> Acesso em: 13 de novembro de 2023.

REZENDE, A. P. **História do movimento operário no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

RIBEIRO, Nelson de f. **Caminhada e esperança da reforma agrária. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,** 2000.

ROCHA, H. F. **Disputa Territorial, Conceitualização e Atualidade da Reforma Agrária no Brasil.** GeoGraphos. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos de América Latina (Giecryal) de la Universidad de Alicante, vol. 4, n. 50, p. 433-462, Março de 2013.

SILVA, José Eduardo Flores. Direitos socioambientais, povos tradicionais e seus conhecimentos associados à Biodiversidade. 2008. 17, p. Monografia (Bacharel em Direito). Universidade Federal do Paraná. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30868/M%201006.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 20 janeiro. 2024.

SILVA, Luiz. **Plano de governo:** Eleições 2002. Disponível em:

<https://www1.uol.com.br/fernandorodrigues/arquivos/eleicoes02/plano2002-lula.doc>

Acesso em: 10 dezembro. 2023.

STEDILE, J.P.; FERNANDES, B.M. **Brava gente:** A trajetória do MST e a Luta Pela Terra no Brasil. 3ª reimpressão. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, setembro de 2005.

STEDILE, J.P.; **A Questão Agrária no Brasil:** O Debate na década de 2000. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

TOLEDO, V. Barrera, B. Narciso. **A memória biocultural:** A importância ecológica das sabedorias tradicionais. (1ª ed.). São Paulo: Editora Expressão Popular

ANEXOS

ANEXO 1

Questões para os sujeitos pesquisados.

- 1) Qual origem? de onde vieram? O que faziam?
- 2) Qual era o papel que desempenhavam na época da origem do movimento? E depois da ocupação?
- 3) Como foi o processo que permitiu a organização dos assentados?
- 4) Quando conseguiram o primeiro resultado?
- 5) Como foi definido os locais para assentar as pessoas?
- 6) Como foi a luta para sobreviver nesse período?
- 7) Tiveram ajuda do governo?
- 8) O que levava em conta para assentar uma família? Tinham que provar que eram trabalhadores rurais?
- 9) Recebiam algum equipamento durante e após o processo de partilha das terras como: assistência técnica, assistência financeira, trator, Animais de trabalho, Sementes.

ANEXO 2

Mapa do Mato Grosso do Sul.



ANEXO 3

Mapa do estado de MS com localização dos acampamentos



ANEXO 4

Mapa do Assentamento Taquaral



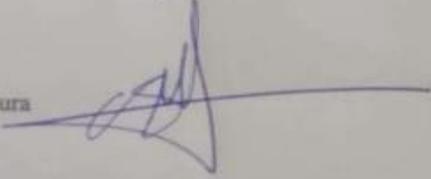
ANEXO 5

Anuências

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Eu, Jaime Saraiva Moreira, portador(a) do CPF 55838436115, residente na rua Assentamento Taquaral, bairro 100 Zona Rural, na cidade Corumbá, autorizo Efigênia Aparecida Toledo, estudante do curso de História, Licenciatura, do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a realizar atividades de pesquisa no assentamento Taquaral no município e Corumbá MS, para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Estudo de casos/quando se tira o miserável da cidade e leva para o campo sem as mínimas condições de sobrevivência", sob orientação do professora Maria Neuza Souza.

Anastácio, 10. Agosto, 2023.

Assinatura 

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Eu, Abel Da Silva Garay, portador(a) do CPF 558481174-87, residente na rua S/N, bairro Assentamento Taquaral, na cidade Corumbá MS, autorizo Efigênia Aparecida Tomaz, estudante do curso de História, Licenciatura, do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a realizar atividades de pesquisa no assentamento Taquaral no município e Corumbá MS, para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Estudo de casos/quando se tira o miserável da cidade e leva para o campo sem as mínimas condições de sobrevivência", sob orientação do professora Maria Neuza Souza.

Anastácio, 10, agosto, 2023.

Assinatura Abel Da Silva Garay

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Eu, Sergio da Silva Pereira, portador(a) do CPF 862.927.501.87, residente na rua Assentamento Taquaral Lote 80, bairro Agrovila 3, na cidade Corumbá-MS, autorizo Efigênia Aparecida Tomaz, estudante do curso de História, Licenciatura, do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a realizar atividades de pesquisa no assentamento Taquaral no município e Corumbá MS, contando com meus dados fornecidos por meio de entrevistas e documentos de acervo pessoal, solicito o uso do nome real e citação da fonte dos documentos, para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Estudo de casos/quando se tira o miserável da cidade e leva para o campo sem as mínimas condições de sobrevivência”, sob orientação do professora Maria Neuza Souza.

Anastácio, 16, maio, 2023.



Documento assinado digitalmente

SERGIO DA SILVA PEREIRA

Data: 18/05/2023 22:02:30-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura